

NUMERAL: UMA CLASSE À PARTE?

Maria Claudete Lima¹

Resumo

Este artigo discute o problema do numeral a que a NGB reservou uma classe à parte por denotar “idéia de número”, analisando basicamente duas questões: 1) Quais são as propriedades puramente gramaticais dos numerais? e 2) que elementos devem ser tidos como numerais? Para isso, parte-se da classificação do numeral proposta pelos gramáticos tradicionais e pelos lingüistas, que, embora concordem quanto aos quantificadores não constituírem uma classe autônoma, divergem quanto em que classe devam ser incluídos. Em seguida, com base nos argumentos utilizados pelos lingüistas, analisam-se as propriedades mórficas, sintáticas e semânticas dos numerais que poderão nortear a definição do lugar que lhes cabe numa classificação dos vocábulos criteriosa e coerente.

Palavras-chave: numeral, classificação, classe, vocábulos, quantificador, número.

Abstract

This article deals with the problem of the numeral, to which NGB reserved an autonomous class, analysing basically two questions: 1) What are the purely grammatical properties of the numeral? And 2) which elements should be understood as numerals? In order to do it, this article starts from the classification of the numeral, according to the traditional grammars and according to the linguistics that, although does not consider the numeral as an autonomous class, does not come to a consensus about the class to which the numeral belongs. After that, with base on the arguments of the linguists, the morphological, syntactical and semantical properties of the numeral are analysed. Such properties may lead to a criterious and coherent classification of the numerals.

Key-words: numeral, classification, class, words, quantifiers, number.

1. INTRODUÇÃO

Uma ligeira observação da classificação dos vocábulos portugueses é suficiente para se verificar a heterogeneidade que reina nas gramáticas tradicionais, mesmo após a NGB, que embora tivesse a finalidade de uniformizar o ensino caótico da língua portuguesa, conseguiu tal intento em termos. O fato é que a classificação dos vocábulos portugueses que encontramos nas gramáticas tradicionais remonta à tradição greco-romana e conserva, assim, as falhas daquele modelo, além de outras, advindas da inadequação da aplicação desse modelo à língua portuguesa.

Todas nossas gramáticas, reconhecendo a oficialidade da NGB, classificam os vocábulos em dez classes: *substantivo, adjetivo, artigo, verbo, pronome, advérbio, numeral, preposição, conjunção e interjeição*. A uniformidade, porém, pára por aí. Cada autor define as classes usando critérios diferentes e divergem quanto ao que considerar como representante de uma classe ou outra. Se alguma harmonia ainda reina, essa diz respeito à mistura dos três critérios de classificação vocabular, com predominância do critério semântico, que, como se sabe, leva em conta o significado extralingüístico dos vocábulos.

No âmbito da Lingüística, encontramos igualmente dificuldades, embora aqui a adoção de um ou outro critério nos dê a ilusão da verdade científica. Talvez devamos concordar, com Biderman (1978:171) que “o modelo [tradicional de classificação dos vocábulos] não é adequado, mas não existe outro modelo ideal para substituí-lo”. Sendo assim, não proporemos aqui nenhuma revolução nas classes de vocábulos. Limitar-nos-emos a abordar em linhas gerais o numeral, uma das classes da NGB que mais oferecem problemas de classificação.

Partiremos da noção tradicional de *numeral* até alargarmos o conceito, para incluirmos também aí alguns elementos que a NGB chamou de *pronomes indefinidos* e outros sobre os quais não há consenso nem na gramática tradicional (com seu velho companheiro: o dicionário de uso comum) nem na Lingüística, como *dezena, dúzia* etc.

¹ Aluna do Mestrado em Lingüística e Ensino da Língua Portuguesa e professora de língua portuguesa do Departamento de Letras Vernáculas.

Nosso objetivo não é — nem poderia ser — propor uma solução definitiva para o problema do numeral, mas antes discutir o problema, apontar diretrizes para uma reflexão, esboçar uma tentativa de solução.

1. O numeral na tradição gramatical: a título de contextualização

O numeral já era uma classe problemática desde a Antigüidade Clássica. Só aparece como classe autônoma a partir da Idade Média. Antes era considerado ora uma subclasse dos nomes, ora uma subclasse dos pronomes ou uma subclasse dos advérbios. Nesta seção apresentaremos alguns gramáticos.

1.1. Período Clássico Ocidental e Medieval

Dionísio Trácio (170-90 a.C.) distinguia entre os tipos de nomes os *distributivos*, *ordinais* e *numerais*. Os distributivos (epimerizómemon) eram os que, a partir de dois ou de mais elementos considerados, vão relacionar-se com um só, por exemplo, *cada*. Os ordinais (taktikón) eram os que indicavam ordem, por exemplo, *primeiro*. Os numerais (arithmetikón) os que indicam número, por exemplo, *dois*.

Apolônio Díscolo (II d.C.) acompanha Dionísio Trácio, ampliando, contudo, o conceito de *distributivo*. Enquanto para aquele os distributivos expressam somente uma relação de duas ou de várias coisas com uma só, para este os distributivos, além disso, expressam uma repartição de uma pluralidade em partes iguais, por exemplo, *cada, cada um*. Esta classificação foi mantida por **Prisciano** (500 d.C.), autor latino, que, assim, não contribuiu, assim, para um aprofundamento do fenômeno lingüístico dos numerais.

Donato (IV d.C.) considerava os numerais como subclasses dos advérbios, divididos em *advérbios de número*, como por exemplo, *semel*, “uma só vez” “bis” “duas vezes” e *advérbios de ordem*, como, por exemplo, *deinde* “depois, em segundo lugar”. Não há referência sobre os cardinais, embora, em sua exposição, o autor faça uso constantemente desses elementos, como se pode ver no seguinte trecho:

O que é advérbio? Parte da oração que, ligada ao verbo, explicita e incrementa sua significação. Quantos são os acidentes do advérbio? Três. Quais? Significação, comparação e figura.”(1997 [online])²

Segundo Biderman (1978), a consideração dos numerais como classe autônoma ocorre na Idade Média, quando os gramáticos latinos distinguiram os adjetivos dos substantivos na classe nominal e acrescentaram a classe dos numerais, *numeralia*.

1.2. Idade Moderna e Contemporânea: As Gramáticas

Portuguesas

Em português, o numeral também constitui classe-problema: não ostenta traços estruturais bem definidos, como veremos adiante. À guisa de ilustração, citamos algumas gramáticas divididas em pré e pós-NGB.

1.2.1. O período pré-NGB:

Em **Silva Jr.** (1894) os numerais são um tipo de adjetivo e eram classificados em cinco espécies: *cardinal* (*dois*), *ordinal* (*primeiro*), *multiplicativos* (*duplo*), *distributivo* (*binário*) e *fracionário* (*meio*, *avo*). Considerava ainda *todo* como um numeral e *sesqui* como advérbio numeral.

Júlio Ribeiro (1899) também não considerava os numerais uma classe autônoma, mas uma subclasse dos adjetivos, que ele dividia em *descriptivos* (qualificativo) e *determinativos* (limitativo). Os numerais aparecem como um tipo de adjetivo determinativo e se classificavam em *cardinais* (*dois*), *ordinais* (*primeiro*) e *multiplicativo* (*triplo*).

João Ribeiro (1908) dividia os adjetivos em *nominais* ou *qualificativos* e em *determinativos*. Esses últimos, por sua vez, eram divididos em *indefinidos* e *positivos*. Entre os *positivos*, punha os *numerais* que classificava em *cardinais*, *ordinais* e *multiplicativos*.

Said Ali (1963) divide os numerais em quantitativos definidos — os cardinais e ordinais, e quantitativos indefinidos. Os cardinais são subdivididos em cardinais propriamente ditos, fracionários, multiplicativos e coletivos. Os quantitativos indefinidos são aqueles que expressam quantidade indefinida: *muito/mais*, *pouco/menos*, *todo*, *algum*, *uns*, *vários*. O próprio autor admite que os quantitativos indefinidos podem-se confundir com os pronomes indefinidos.

1.2.2. NGB e as gramáticas modernas

Com o advento da NGB, o numeral ganha definitivamente, nas nossas gramáticas tradicionais, uma classe autônoma, definida essencialmente pela referência ao significado das palavras que constituem a classe (critério semântico). Transcrevemos abaixo algumas dessas definições:

É a palavra que exprime número, número de ordem, múltiplo ou fração.

(Cegalla, 1980:101)

É a palavra que denota nome de número.

(Bechara, 1979:93)

Servem para indicar uma quantidade exata de coisas ou pessoas, ou para assinalar o lugar que elas ocupam numa série.

(Cunha & Cintra, 1985:358)

Palavra que designa os números, ou a ordem de sua sucessão: três, terceiro. Podem-se usar individualmen-

² Adverbium quid est? Pars orationis, quae adiecta verbo significationem eius explanat atque inplet. Adverbio quot accidunt? Tria. Quae? Significatio comparatio figura.

te, com o valor de substantivo ou como adjetivos, isto é, junto de um substantivo, ao qual acrescentam uma indicação de quantidade ou de ordem.

(Rocha Lima, 1988:106)

É a palavra que encerra a idéia de número.

(Almeida, 1980 :157)

Embora a classificação do numeral não varie de autor para autor, pós-NGB, Cunha e Cintra (1985), após repetir a classificação comum em *cardinais*, *ordinais*, *multiplicativos* e *fracionários*, acrescentam, à parte, *os numerais coletivos*:

Assim se denominam certos NUMERAIS que, como os substantivos coletivos, designam um conjunto de pessoas ou coisas. Caracterizam-se, no entanto, por denotarem o número de seres rigorosamente exato. É o caso de *novena*, *dezena*, *década*, *centena*, *cento*, *lustro*, *milhar*, *milheiro*, *par*. (p.359).

Vê-se que, se a classificação é praticamente uniforme, os elementos que entram nessa classificação estão longe de uma uniformidade. Enquanto Cunha e Cintra (1985) chamam *dezena*, *par* etc. como *numerais coletivos* — embora não os inclua como *espécie de numerais* (cf.p.358) — Almeida (1980) se limita a dizer que “certas palavras têm relação com os numerais como *dezena*, *década*, *centena* *dúzia*, *par* e *casal*” e Rocha Lima (1992) apresenta alguns ordinais em *-eno* que já não são usados: *dezeno*, *onzeno*, *trezeno* e que persistem como nomes: *novena*, *dezena*, *centena*.

No seu *Compêndio de Gramática Portuguesa*, adaptada à nomenclatura gramatical portuguesa, Figueiredo e Ferreira (1974) subdividem os numerais em cinco tipos: *cardinais*, *ordinais*, *multiplicativos*, *fracionários* e *coletivos* (*dúzia*, *dezena*), classificação semelhante à que Cunha e Cintra não assumiram de vez.

1.2. O problema da classificação do numeral

Quando nos debruçamos a estudar o numeral, deparamo-nos com dois tipos de problemas. O primeiro trata-se de depreender-lhe as propriedades puramente gramaticais a fim de enquadrá-lo numa classe formal ou, quem sabe, destinar-lhe uma classe autônoma. O segundo é reconhecer os elementos que, sendo classe ou subclasse, devam ser tidos como numerais.

Quanto ao primeiro, as gramáticas tradicionais pouco nos ajudam, uma vez que suas definições de numeral são essencialmente semânticas e seus comentários alcançam, quando muito, o valor de substantivo ou de adjetivo que o numeral pode tomar e a possibilidade ou não de variação numérica e genérica. Quanto ao segundo, o caos é maior, especialmente, se recorremos ao dicionário para checar a classificação de palavras como *dezena*, *dúzia* etc.

Se nos prendermos apenas às definições de *numeral* encontradas nas gramáticas — em geral, *palavra que denota número*, *quantidade* — seremos obrigados a considerar

dezena, *dúzia*, *milhão* e outros nomes como numerais. Não é isso, porém, que essas mesmas gramáticas propõem.

Ademais, *substantivo*, *adjetivo* e *numeral* são apresentados inicialmente como *classes de palavras*, no mesmo nível, portanto. São definidas por critérios semânticos — *substantivo designa os seres: pessoas, animais e coisas; adjetivo dá idéia de qualidade*. Em seguida, os mesmos termos *substantivo* e *adjetivo* passam a ser usados para designar uma subdivisão funcional dos numerais (também dos pronomes, como sabemos), numa clara confusão de níveis. Se *substantivo* é definido como *palavra que designa o ser: pessoas, animais e coisas* (como alguns fazem questão de explicitar) e *numeral é a palavra que designa número, quantidade*, então como se explica que *dúzia* seja um substantivo se não designa ser? Ou ainda: como se explica que não seja numeral, já que indica quantidade? O mesmo raciocínio pode ser aplicado em sentido inverso. Dizem que os *cardinais* podem ser substantivos ou adjetivos. Em (1) *Dois e três são cinco*, os *cardinais* são substantivos, mas em (2) *Dois meninos saíram*, o *cardinal* é adjetivo. E está feita a confusão, afinal *substantivo* e *adjetivo* são classes ou são funções?

O principal problema da classificação dos vocábulos vem do fato de que os vocábulos são um complexo de forma, função e sentido. Classificá-los, então, em categorias distintas requer que se adote um princípio norteador, o qual, uma vez adotado, permaneça válido para todas as classes depreendidas naquela língua. Da mesma forma que não se pode arrumar livros numa estante, adotando como critério para distribuí-los nas várias prateleiras ora o conteúdo do livro, ora o formato, ora a cor — o que resultaria muitas vezes num impasse quando um determinado livro pudesse pertencer a uma e outra prateleira —, não se pode igualmente classificar os vocábulos de uma língua adotando ora o critério semântico, ora o mórfico, ora o sintático, ora dois desses, ora os três. O resultado é o caos que se tornou nossa NGB.

Esses fatos não passaram despercebidos de muitos lingüistas que procuraram solucionar o problema. Câmara Jr. (1984), com base em Jespersen, propõe uma reformulação da classificação tradicional em que distingue classes (definidas com base no critério morfo-semântico: *nome*, *pronome* e *verbo*) e funções (divisão secundária de nomes e pronomes com base no critério funcional: *substantivo*, *adjetivo* e *advérbio*) Monteiro (1986:210) também é um dos que faz severa crítica a essa heterogeneidade no uso dos critérios pela Gramática Tradicional e, especialmente, sobre os numerais afirma:

A NGB dividiu os numerais em *cardinais* (*um*, *dois*, *três...*), *ordinais* (*primeiro*, *segundo*, *terceiro...*), *multiplicativos* (*dobro*, *triplo...*) e *fracionários* (*meio*, *um terço*, *um quinto...*). Trata-se de uma divisão que só tem causado perturbações. Os ordinais se confundem com os adjetivos, os fracionários com os substantivos. Alunos e professores discutem se “milhão”, “dezena”, “dúzia” etc. são numerais ou substantivos coletivos. Se traduzem idéia de número...

Assim o critério de classificação baseado na significação do vocábulo quase sempre se torna incoerente

rente. Se há uma classe para os nomes que se referem a número, deveria haver outras para os designativos de cor, de sentimento, de nacionalidade, de forma geométrica etc.

Apontadas essas falhas encontradas na classificação do numeral, resta-nos verificar que propostas a Linguística oferece para solucionar o problema. Esse é o assunto da próxima sessão.

2. Algumas propostas de classificação lingüística

Diante dessas observações, vários lingüistas se posicionaram a respeito do numeral. Se há quase um consenso de que o numeral não forma uma classe autônoma, não há, contudo, unidade quando se trata de colocá-lo numa das classes vocabulares.

Há quem o inclua na classe dos nomes, dos pronomes ou dos adjetivos. Há quem o considere uma subclasse especial de uma dessas classes e quem o reúna a outras subclases da gramática tradicional. Analisaremos, neste trabalho, as propostas de Câmara Jr. (1977), Monteiro (1986), Azeredo (1990), Jespersen (1975), Macambira (1982), Hjelmslev (1976), Lemle (1984), Tesnière (1988) e Mateus et alii (1983).

2.1. Nome

Alguns lingüistas propuseram a inclusão dos numerais na classe dos nomes. Entre os que procederam assim estão Mattoso Câmara Jr. (1977), Monteiro (1986) e Azeredo (1990).

Embora não tenha feito nenhum comentário a respeito nas obras em que trata da classificação dos vocábulos, **Câmara Jr.** no seu *Dicionário de Lingüística e Gramática* define os numerais como uma “espécie de nome...” (1977:s.v.).³

Entender essa definição exige conhecer o que Câmara Jr. entende por *nome*: “classe de vocábulos caracterizada semanticamente por traduzir representações estáticas e morficamente por ser variável em gênero e número”.

De fato, alguns numerais são variáveis em gênero, *trezentos*, por exemplo, mas a categoria não se aplica à maioria deles. Tampouco podemos dizer que variam em número, como diz Macambira, mas deixamos esse ponto para discutir mais adiante. Descartadas essas duas características formais, resta-nos avaliar o “traduzir representações estáticas”, que, de fato, nada mais é que a velha oposição lógica *ser x processo* com roupagem nova. Como conceber que *viagem*,

luta e outros nomes tenham semantema *estático*? E os numerais? Seriam seres?

Azeredo (1990) coloca-se ao lado de Câmara Jr. no momento em que arrola argumentos para incluí-los na classe dos nomes. Como na sua classificação, substantivos e adjetivos são classes distintas — e não subdivisão funcional dos nomes, como na classificação de Câmara Jr. —, os numerais encontram-se divididos nos dois grupos.

Azeredo argumenta que, além de parte deles ser suscetível de variação de gênero, o que já fora apontado por Câmara Jr., não há nada que distinga do ponto de vista da morfologia lexical, *semana* e *semanal*, por exemplo, de *quinzena* e *quinzenal*. Alguns numerais formam compostos como raízes nominais. Comparem-se, por exemplo, *dez/decímetro* e *quilo/quilômetro*.

Sintaticamente, os adjetivos numerais geralmente precedem o substantivo: *duas páginas*; os substantivos numerais se empregam para “nomear” os números: *dois*, para denotar frações: *terço*, múltiplos: *triplo* e coletivos: *década*. Os substantivos também podem ser empregados como aposto com valor ordinal: *página dois*, *capítulo trinta*⁴

2.2. Pronome

Jespersen (1975) trata os numerais como uma subclasse dos pronomes. Argumenta que *one* “um”, além de ser numeral, é um pronome indefinido em inglês e em muitas outras línguas⁵. A maioria dos numerais são invariáveis e os que se declinam apresentam anomalias comparáveis às encontradas nos pronomes.

Nesse caso, propõe o autor, seriam considerados numerais indefinidos *many* “muitos” e *few* “poucos”, ao lado de *all* “tudo”, *some* “algum”, *none* “nenhum”, que já são reconhecidos como pronomes indefinidos.

Os numerais, que constituiriam a subclasse dos pronomes quantificadores, diferem dos adjetivos qualificadores por poderem figurar como elementos primários:

(1) *Some (many, all, both, two) were absent*

Alguns (muitos, todos, ambos, dois) estavam ausentes.

(2) *all (much, little) is true.*

Tudo (muito, pouco) é verdade.

Também diferem dos adjetivos por não poderem ser transcritos na forma de um predicativo. Comparem-se (3) e (4) abaixo:

(3) *a nice young lady = a lady who is nice and young*
uma agradável e jovem senhora = uma senhora que é agradável e jovem

³ Monteiro (1986), que claramente assume a proposta de Câmara Jr., adota a mesma classificação.

⁴ Said Ali (s.d., 90) já chamava atenção para esse fato: “...usar como ordinais os próprios cardinais. É o que geralmente fazemos, referindo-nos (...) à página ou capítulo de um livro (pelo menos de certo ponto em diante): a *página sessenta e três* por a *página sexagésimo terceira*...”.

⁵ Em português, *um* pode ser numeral, pronome indefinido e artigo indefinido.

(4) *many ladies* ⇒ * *ladies who are many*
Muitas senhoras ⇒ *senhoras que são muitas

Macambira (1982) propõe uma hierarquia entre os critérios de classificação vocabular, segundo a qual redefine cada uma das dez classes vocabulares da NGB. Este autor propõe que as classes devem ser definidas prioritariamente pela forma, caso esta não seja suficiente, que se recorra à função e, em último caso, apenas para estabelecer diferença, ao sentido. Assim, embora o autor apresente (ou tente apresentar) traços formais, funcionais e semânticos das dez classes, propõe, na verdade, apenas sete, com a exclusão da interjeição e a reunião dos artigos, pronomes e numerais na classe dos pronomes.

Para fundamentar sua argumentação, Macambira cita o próprio Jespersen (1975), já resenhado aqui, e acrescenta que artigo, numeral e pronome guardam entre si semelhanças formais, sintáticas e semânticas.

Formalmente, o numeral, tal como o pronome, rejeita os sufixos *-(z)inho* e *(z)ão*, próprios do substantivo, e os sufixos de superlativo (*-íssimo*, *ílimo*, *érrimo*) e formador de advérbios (*-mente*), próprios do adjetivo⁶:

(5) * *doisinho*, * *doisíssimo*, * *doismente*

Sob o aspecto sintático, numeral e pronome têm a mesma distribuição no SN:

(6) Os bons amigos - os amigos bons
Dois bons amigos - dois amigos bons

(7).....filme foi bom :: teu filme foi bom/dois filmes foram bons

Sob o aspecto semântico, o numeral, como o pronome, pode ser definido ou indefinido, conforme denote a idéia de número de maneira precisa ou de maneira vaga.

São pronomes definidos os cardinais, ordinais, multiplicativos e fracionários correspondentes e, indefinidos os que a gramática tradicional inclui entre os pronomes indefinidos, como *nada*, *tudo*, *algo*, *cada um*, *nenhum*, *um*, *algum*, *muito*, *pouco*, *todo*, *vários*. O autor conclui que “negar o caráter de numeral a, por exemplo, *nada* e *algum* é o mesmo que não admitir como número o *zero* e a unidade *um*.” (op.cit., 61)

Hjelmslev (1976) parte da divisão tradicional em dez classes, as quais propõe analisar em termos formais. Com base nesse critério, o autor divide as categorias que são “puramente psicológicas ou semânticas” das categorias funcionais. São categorias do primeiro tipo o *artigo*, o *numeral*, a *interjeição* e o *pronome* (logo depois incluído nas categorias fundamentais) e, do segundo tipo o *adjetivo*, o *verbo*, o *advérbio*, a *preposição* e a *conjunção* (as duas últimas incluídas no advérbio, depois). Em seguida, ele comenta as categorias semânticas, verificando em que categoria fundamental cada uma poderia ser enquadrada.

O dinamarquês reconhece de pronto que o numeral, embora pareça tratar-se de uma categoria puramente semântica, é difícil de classificar-se, mediante critérios formais, em uma das cinco categorias estabelecidas (verbo, adjetivo, advérbio, substantivo e pronome), o que leva a crer que o numeral se reparte em várias categorias funcionais. Porém, adiante, ao tratar da categoria da concretização, Hjelmslev considera que numeral e pronome compartilham da mesma definição. Sigamos, então, o raciocínio do autor.

Partindo do princípio de que para detectar a natureza funcional das categorias é necessário pô-las em relação com as categorias de morfemas com as quais têm uma conexão gramatical⁷, Hjelmslev (1976) concebe cinco categorias fundamentais — as únicas que têm uma existência real do ponto de vista estritamente gramatical, definidas por critérios formais e não semânticos: *substantivo*, *adjetivo*, *pronome*, *verbo*, *advérbio* [intransitivo e transitivo (preposições e conjunções)]. Com base na categoria da subordinação, distingue *substantivo* (geralmente *primário*), *adjetivo* (geralmente *secundário*), *verbo* (sempre *secundário*) e *advérbio* (geralmente *terciário*). Com base na categoria de caso, distingue duas grandes categorias funcionais: *verbo* (sem morfema de caso) e *nome* (com morfemas casuais), esta última incluiria substantivo, adjetivo, advérbio e pronome.

O autor admite que a categoria do pronome é a mais difícil de delimitar e, disposto a esboçar hipóteses sobre a natureza dos pronomes⁸, procura definir o pronome pondo-o em relação com a categoria dos artigos, que supõe ser um morfema⁹. Há três categorias de morfemas no domínio dos artigos: *artigo definido* (morfema de concretização que indica que o objeto ou sua qualidade se supõe conhecido pelo

⁶ Os ordinais e multiplicativos admitem o sufixo *-mente*, mas Macambira considera-os *numerais impuros*, pois eles se comportam de modo diverso dos cardinais, à maneira de adjetivos.

⁷ Provavelmente existem, na realidade, tantas categorias funcionais quantas categorias de morfemas se encontrem vinculadas a cada uma das cinco categorias fundamentais (Probablemente, pues, existen en realidad *tantas categorías funcionales como categorías de morfemas se encuentren vinculadas a cada una de las cinco categorías fundamentales*) (Hjelmslev, 1976:308).

⁸ Parece-nos útil enunciar desde agora nossa hipótese sobre a natureza do pronome, hipótese que nos parece ter grande probabilidade de conter a verdade (...nos há apreciado útil enunciar desde ahora nuestra hipótesis sobre la naturaleza del pronombre, hipótesis que nos parece tener gran probabilidad de contener la verdad.) e mais além: O plano de nosso livro não nos permite fazer investigações de amplitude necessária para detectar de maneira definitiva a natureza do pronome. (...) Passamos por alto, quase sempre, as premissas, a discussão detalhada, o estudo empírico de todos os fatos particulares. (El plan de nuestro libro no nos permite hacer investigaciones de la amplitud necesaria para detectar de manera definitiva la naturaleza del pronombre (...) Pasamos por alto, casi siempre, las premissas, la discusión detallada, el estudio empírico de todos los hechos particulares.) (p.335).

⁹ Temo-nos permitido considerar os artigos como morfemas. Não podemos prová-lo aqui. No estado atual de nossos conhecimentos, não sabemos ainda qual é a verdadeira natureza do morfema (Nos hemos permitido antes considerar los artículos como morfemas. O podemos probarlo aquí. En el estado actual de nuestros conocimientos, no sabemos aún cual es la verdadera naturaleza del morfema.) (p.336).

interlocutor), *artigo indefinido* (morfema de concretização que indica que o objeto ou sua qualidade se supõe desconhecido pelo interlocutor) e *artigo zero* (morfema de abstração). Os pronomes se caracterizariam por terem uma relação fixa com os artigos, quer dizer, embora uns aceitem artigo e outros não, os que aceitam artigo estão sempre seguidos do mesmo artigo e os outros — os que não aceitam — estariam sempre acompanhados do que Hjelmslev chama *artigo zero*.

Segundo Hjelmslev, semantemas e morfemas são igualmente abstratos. As *palavras*, noção alheia à gramática, podem ser concretas ou abstratas, os semantemas ou morfemas, não. É unicamente a combinação dos elementos gramaticais — morfemas e semantemas — que pode estabelecer uma significação concreta do conjunto. O papel do artigo é, portanto, o de concretizar o semantema.

Os pronomes seriam, então, uma categoria funcional constituída pelos semantemas que são fixos no tocante às categorias de concretização, em outras palavras, semantemas que, por oposição a qualquer outro semantema, continuam sendo abstratos em qualquer combinação e sem reparar no seu emprego, porém que servem sempre para indicar objetos (pessoas) concretos. É por conta de servirem para indicar objetos concretos que, embora abstratos, alguns pronomes venham invariavelmente com um dos morfemas de concretização, ao invés de virem com um morfema zero, como seria de esperar.

É nesse aspecto que numeral e pronome (segundo o autor, também os nomes próprios) se assemelham. Ambos guardariam o mesmo tipo de relação com os morfemas de concretização ou abstração, embora que em relação a outras categorias de morfemas eles difiram, por exemplo, no que diz respeito às categorias de caso e de gênero. Isso, porém, é deixado de lado pelo lingüista que considera a categoria dos pronomes apenas do ponto de vista da categoria dos artigos.

2.3. Adjetivo

Entre os que incluem o numeral na classe dos adjetivos, temos Lemle (1984) e Tesnière (1988).

Lemle (1984) utiliza critérios puramente distribucionais para incluir os numerais na classe dos adjetivos e chega a essa conclusão através de exemplo de um SN, reproduzido abaixo, com sete posições pré-nominais preenchidas:

| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 |
|----------------|--|---|--------------------|--|--------------------------------------|-----------|--------|
| Todos ambos | aqueles este(s) esse o um algum cada nenhum | meus teu(s) seu nosso vosso | outros mesmo(s) | dez um dois . . . vário pouco muito divers o | primeiros segundo(s) terceiros | estranhos | poemas |

A autora considera que todos os elementos ocupantes das colunas 3 a 7, por serem intercambiáveis com adjetivos, devam ser tidos como tal:

- (8) os outros três livros - os três outros livros
- (9) os primeiros cinco capítulos - os cinco primeiros capítulos
- (10) a minha primeira namorada - a primeira minha namorada
- (11) aquelas dez misteriosas figuras - aquelas misteriosas dez figuras
- (12) o segundo infeliz casamento - o infeliz segundo casamento

Lemle coloca como característica desse grupo a possibilidade de posposição ao nome:

- (13) primeiro capítulo - capítulo primeiro/ estranho poema - poema estranho

A autora ignorou, porém, o fato, também distribucional, de que o cardinal, por exemplo, não aceitaria posposição como o adjetivo aceita:

- (13) dez estranhos poemas - dez poemas estranhos - *
estranhos poemas dez

Onde está o ser intercambiável com adjetivo?

Tesnière (1988:69) também inclui os numerais (os cardinais e ordinais) na classe dos adjetivos. Como o autor se afasta da noção comum de adjetivo, é necessário que antes nos detenhamos um pouco a comentar sua classificação.

Partindo da noção lógica de *compreensão* e *extensão*¹⁰, Tesnière distingue *substantivos* e *adjetivos* e os classifica em *gerais* (representam somente as categorias, só têm conteúdo categórico) e *particulares* (representam idéias particulares, têm um conteúdo semântico e um conteúdo categórico). Os adjetivos não têm qualquer extensão, são, por natureza, abstratos. A idéia de *branco* é concebida por ela mesma e independentemente de sua aplicação a todo caso particular concreto. A ausência da *extensão* é o que distinguiria essencialmente o adjetivo do substantivo. Os adjetivos particulares têm uma *compreensão* restrita e, além disso, variável com sua complexidade semântica. É mínima em adjetivos de sentido simples, como *vermelho*, e sensivelmente mais vasta num adjetivo de sentido complexo tal como *franzino*.

“Mas se eles não têm por si mesmos qualquer extensão — acrescenta Tesnière — os adjetivos tomam automaticamente uma desde que eles determinem um substantivo. Nesse caso, a compreensão do adjetivo que vem se juntar àquela, a compreensão do nó substantival, é mais vasta do aquela do substantivo, e a extensão do nó substantival, uma vez que varia em sentido inverso, é mais restrita do que aque-

¹⁰ *Compreensão* (termo correspondente a *intensão* e *conotação* em outros autores) da lógica de Port-Royal designa os “atributos que a idéia inclui em si” e *extensão* (correspondente a *denotação*) designa a classe de objetos reais a que o termo se aplica. (Abbagnano, 1982: s.v.).

la do substantivo.” (p.69). O termo “livro vermelho”, por exemplo, aplica-se a menos objetos que “livro” — sem determinante.

Essas duas características dos adjetivos, a compreensão restrita e a extensão nula, não podem fornecer um princípio de classificação, como é possível para os substantivos¹¹, desse modo, o princípio de classificação dos adjetivos será a natureza da idéia abstrata que eles exprimem, segundo a qual os adjetivos serão *atributivos* (atribuem ao substantivo que determinam uma qualidade ou quantidade, seriam os “mais adjetivos dos adjetivos” para Tesnière) ou *de relação* (indica que o substantivo que determinam está em relação com uma pessoa ou uma circunstância de tempo ou de lugar). Cada um desses pode ser geral ou particular.

Os numerais estão incluídos dentre os atributivos. Os ordinais são tidos como atributivos de qualidade particular de ordem: *troisième* “terceiro”¹². Já os cardinais são postos entre os atributivos de quantidade particular: *trois livres* “três livros”. Os adjetivos de quantidade geral são os correspondentes a *multus*, *paucus* do latim, que em francês são raros (*maint*), e que em português são tidos como pronomes indefinidos: *muitos*, *poucos*, *vários*.

A afirmação de que os adjetivos têm extensão nula coincide, de certa forma, com os comentários de Hjelmslev sobre a categoria da concretização inexistente para os numerais e pronomes (cf. supra) e com o caráter puramente formal dos numerais, apontado por BrOndal (1948). Por outro lado, não fica claro onde o autor põe os multiplicativos e os fracionários, já que nenhuma referência é feita a esses tipos quando o autor trata de substantivos, adjetivos e advérbios¹³.

2.4. Quantificadores

Mateus et alii (1983) consideram os numerais como um tipo de *especificador* (“constituente do SN que se encontra à esquerda do núcleo e não funciona como complemento”), os chamados *quantificadores*, que abrangem os indefinidos, os numerais e alguns tipos de adjetivos (*inúmeros*, *vários*, *diversos*, *bastantes*).

Os quantificadores distinguem-se dos artigos sintaticamente por ocorrerem isolados:

(14) Ela tomou os comprimidos?

(15)(a) Tomou.

(b) * Tomou *os*.

(c) Tomou *alguns*.

(d) Tomou *muitos*.

(e) Tomou *uns quantos*.

(f) Tomou *dois*.

Mateus et alii (1983) observam ainda que alguns quantificadores podem ser precedidos de artigos, enquanto outros o são obrigatoriamente. Podem ser precedidos de artigo definido: *outro(s)*, *pouco(s)*, *numerais (exceto um)*, *alguns adjetivos quantificadores*. Podem ser precedidos de artigo indefinido: *outro(s)*, *pouco(s)*, *quantos*, *tanto(s)*, *qualquer (quaisquer)*, *certo(s) numerais (exceto um)*, *alguns adjetivos quantificadores*. *Todos* e *ambos* são obrigatoriamente seguidos de artigo.

Além disso, observa-se também que alguns quantificadores (exceto *todo(s)* e *ambos*) ocorrem por vezes na estrutura [QUANT + de]. Esta estrutura (que constitui a *expressão partitiva*) nunca é precedido de artigo, mas o nome quantificado o é, obrigatoriamente, a não ser que o artigo seja substituído por um demonstrativo:

(15) (a) *Algumas dessas* maçãs estão verdes.

(b) *Duas dessas* maçãs estão verdes.

(c) *Várias dessas* maçãs estão verdes.

(d) *Várias das* maçãs estão verdes.

(e) **Várias dessas as* maçãs estão verdes.

(16) (a) *Todas essas* maçãs estão verdes.

(b) *Ambas essas* maçãs estão verdes.

(c) *Ambas as* maçãs estão verdes.

Já com nomes que indicam pesos e medidas — como *litro*, *metro*, *bocado*, *parte*, *nadinha* etc. que as autoras chamam de *nomes quantificadores* uma vez que ocupam o lugar de quantificadores nessa estrutura, podemos ter o artigo definido ou indefinido, o que resulta na estrutura [ART + QUANT + de]:

(17) (a) Trouxe *um litro* de leite.

(b) Comprou *dez metros* de cretone.

(18) (a) Dei-lhe *uma pinga* de água e *um bocado* de pão.

(b) Só é preciso *um nadinha* de paciência.

(c) Arrumei *a maior parte* dos livros.

Tais nomes quantificadores são selecionados de acordo com as propriedades lexicais dos nomes quantificados e a diferença entre as frases de (17) e (18) é que no primeiro grupo a quantificação é determinada (podendo ocorrer no singular ou plural, nesse caso, o quantificador é precedido de numeral e não artigo) e no segundo, a quantificação é vaga, refere-se a uma parte considerada globalmente, por isso o quantificador só ocorre no singular.

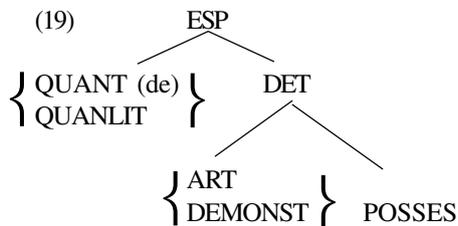
Ao final, as autoras oferecem um diagrama (reproduzido em (19)) que mostra a distribuição dos especificadores, os quais ocorrem sempre à esquerda do N, mas têm distribuição própria.

¹¹ É com base nisso que Tesnière classifica os substantivos em comuns (compreensão restrita/extensão larga) e próprios (compreensão larga/extensão restrita) (cf. p. 67)

¹² Ao lado dos atributivos de qualidade particular de qualidade (*bon*), dimensão (*grand*), de cor (*rouge*).

¹³ Faltou-nos verificar se ele faz alguma referência quando trata das translações.

As expressões de quantificação e expressões qualitativas não concorrem e entram em estruturas paralelas que podem anteceder artigos artigos e dêiticos (cf (15-18). Os demonstrativos não se conjugam com os artigos, mas tanto uns quanto os outros podem preceder os possessivos. Esse comportamento diferenciado, evidenciado pelo diagrama, justifica a distinção entre determinantes, quantificadores e expressões qualitativas.



Mateus et alii (1983), embora façam uma abordagem sintática dos especificadores, usam o termo *quantificador* para numerais e alguns pronomes indefinidos num sentido semântico, pois que falam de *pronomes quantificadores* (*alguém, ninguém, tudo, anda*) que são núcleos do N.

Vimos que também na Lingüística, o problema do numeral não se encontra resolvido. Cada autor atribui-lhe e observa-lhe propriedades de cunho diverso, com base nas quais propõe sua inclusão numa ou noutra classe. Essas propriedades agrupadas de acordo com o critério utilizado podem servir para nos revelar um quadro mais geral dos numerais. É o que faremos na próxima seção.

3. AS PROPRIEDADES DOS NUMERAIS

Uma descrição apurada dos numerais exige que depreendamos suas propriedades mórficas, sintáticas e semânticas, o que podemos fazer reunindo os argumentos apresentados pelos diversos autores discutidos acima.

3.1. Propriedades formais

3.1.1. Flexão

A) *Categoria de gênero*: sofrem variação de gênero alguns cardinais, todos os ordinais e todos os multiplicativos :

(20) cardinais: *um/uma, dois/duas* (por supleção?), e todas as centenas a partir de 200: *duzentos/duzentas, trezentos/trezentas*.

(21) ordinais: *primeiro/primeira, segundo/segunda* e assim por diante.

(22) multiplicativos: *duplo/dupla, triplo/tripla* etc.

(23) fracionários: *uma terça parte de/ um terço da turma*.

B) *Categoria de número*: os cardinais rejeitam a variação de número¹⁴, enquanto os ordinais, os multiplicativos e fracionários a aceitam:

(24) *O primeiro aluno/Os primeiros alunos receberam medalhas.*

(25) *Duplo/duplas*

(26) *Um terço/Dois terços dos alunos foi/foram aprovados.*

3.1.2. Derivação

Observemos como se comportam os quatro tipos de numerais quanto aos sufixos (1) *-(z)inho* e *-(z)ão*, admitidos pelo substantivo e (2) *-íssimo* (*érrimo, ílimo*) e (3) *-mente* admitidos pelo adjetivo.

Os cardinais, como Macambira (cf. supra) já observara, rejeitam todos esses sufixos e, nesse ponto, assemelham-se aos pronomes.

Os ordinais rejeitam os primeiros sufixos, mas admitem o terceiro. O acréscimo do sufixo *-íssimo* é possível, mas numa linguagem enfática, ou seja, o significado do sufixo não é de “muito”¹⁵ :

(27) (a) *primeirinho/ *primeirão

(b) Ele tirou o primeiríssimo lugar na maratona

(≠ *muito primeiro).

(c) *Primeiramente*.

Os multiplicativos rejeitam os primeiros sufixos e o segundo, mas aceitam o terceiro, tal como os anteriores:

(28) (a) *duplinho/duplão

(b) *duplíssimo

(c) duplamente

Os fracionários rejeitam os três tipos de sufixos:

(29) (a) *tercinho/terção

(b) *tercíssimo

(c) *terçamente

O critério da flexão genérica ou numérica não é um critério seguro para incluirmos os numerais numa classe ou noutra, por dois motivos. Primeiro, porque nem todos os numerais são variáveis e segundo porque muitos nomes (substantivos e adjetivos) e pronomes também se distribuem entre os variáveis e invariáveis. Concordamos com Hjelmslev (1976:318) quando diz “Desta forma, na classe dos variáveis encontramos freqüentemente invariáveis, nem por isso situados à margem dessa classe, precisamente porque a “flexibilidade” não é um critério que defina as categorias.”¹⁶

¹⁴ Macambira (1982:50) afirma que será numeral “toda palavra supletiva, cujo singular seja *um* ou *uma*.”, mas a relação singular/plural é semântica, como em *bode/cabra*.

¹⁵ É curioso que em inglês haja construção semelhante: *For the very first time* “pela primeiríssima vez”.

¹⁶ “De esta forma, en la clase de los *flexibilia* encontramos bastante frecuentemente *inflexibilia*, no por ello situados al margen de esa clase, precisamente porque la “flexibilidad”no es un criterio que defina las categorías.”

Quanto ao critério da derivação, cremos que a possibilidade ou impossibilidade de adjunção de um sufixo ou outro se deve mais a restrições semânticas que propriamente formais. Assim é que a não-aceitação do sufixo *-íssimo*, por exemplo, pode ocorrer igualmente com pronome, substantivo e, inclusive, alguns adjetivos não-graduáveis. Adjetivos técnicos, de origem, estado ou matéria, por exemplo, não são suscetíveis de grau:

(30) *um triângulo muito equilátero/Um triângulo *equilateríssimo

Assim, se os sufixos de grau (aumentativo, diminutivo e superlativo) só são aplicáveis a elementos graduáveis, é natural que os numerais, cuja significação não admite graduação, rejeitem tais sufixos. Logo, admitir ou não esse sufixo não pode ser critério para uma classificação formal.

Desse modo, apenas a possibilidade de adjunção do sufixo *-mente* é que aparece apontar para o carácter adjetival dos ordinais e multiplicativos. Carácter desmentido por Macambira (1982) quando observa que tais formas não entram em construções exclamativas com *tão/quão/bem* (p.52), fato que analisaremos mais adiante ao tratarmos dos factos sintáticos.

3.2. Propriedades sintáticas

3.2.1. Distribuição no SN

A) *Ligação imediata com o N*: os cardinais, ordinais e multiplicativos podem se ligar ao substantivo de forma imediata:

- (30) (a) *Três homens*
(b) *O primeiro homem*
(c) *Duplo aspecto*

Os fracionários, a partir de *terço* não se ligam imediatamente ao substantivo:

- (31) (a) *Meio bolo*
(b) *Um terço do bolo*

Por outro lado, podemos dizer *A terça parte do bolo*, em que *terça* se liga imediatamente a *parte*.

B) Posição no SN

B.1.) Posição variável: os ordinais e os multiplicativos podem vir antes ou depois do N:

- (32) (a) *Primeiro capítulo/capítulo primeiro*
(b) *Tríplice aliança/aliança tríplice*

B.2.) Posição fixa: os cardinais sempre precedem o nome — a não ser quando usados como ordinais: página dois, em que aparece substantivados (v. a não-concordância) — e assim também os fracionários:

- (33) (a) *Duas rosas*
(b) *Meia dose*

3.2.2. Coocorrência com artigo

Verifiquemos como se comportam os numerais com respeito ao artigo.

Consideremos, com Hjelmslev (1976)¹⁷, a existência de três tipos de artigos: o definido, o indefinido e o zero.

A) Os cardinais admitem os três tipos de artigo:

- (34) (a) \emptyset *Dois meninos caíram*
(b) *Os dois meninos caíram*
(c) *Uns dois meninos caíram*

B) Os ordinais e multiplicativos admitem o artigo definido ou indefinido. Os fracionários admitem o artigo definido, a forma *um* em (37c) é numeral como prova o plural *dois terços do bolo*. A forma *?Uns terços do bolo* nos soa estranha, talvez por indefinir o que por natureza é definido:

- (35) (a) *?Primeiro menino caiu*
(b) *O primeiro menino caiu*
(c) *Uma segunda vez será imperdoável*
(36) (a) *?Tríplice aliança foi feita*
(b) *A tríplice aliança foi feita*
(c) *Uma tríplice aliança foi feita*
(37) (a) *?Terço do bolo foi comido.*
(b) *O terço do bolo foi comido.*
(c) *Um terço do bolo foi comido.*

É interessante observar que o fracionário em função claramente adjetiva (*meio*) só admite o artigo zero: *meio bolo*/
* *O meio bolo*/**Um meio bolo*.

3.2.3. Construções exclamativas

Ao contrário de alguns adjetivos e substantivos, os numerais não ocorrem em exclamativas não-frásicas:

- (31) *Que belo!/Tão belo!*
(32) *Que dia!*
(33) *Que belo dia!/Tão belo dia!*
(34) * *Que primeiro!/Tão primeiro!*
(35) * *Que primeiro menino!/Tão primeiro menino!*
(36) * *Que dois meninos!/Tão dois meninos!*
(37) * *Que aspecto duplo!/Tão duplo aspecto!*
(38) * *Que dois terços do bolo!/? Tão dois terços!*

Essa impossibilidade se deve, na verdade, a propriedades semânticas dos numerais que, como já falamos, não são suscetíveis de gradação.

3.3. PROPRIEDADES SEMÂNTICAS

As características semânticas é que têm reservado aos numerais status de classe autônoma na NGB e, ao mes-

¹⁷ Cf. supra p.11

mo tempo, têm enriquecido continuamente o que tradicionalmente se chama numeral ao incluir numa mesma classe — os quantificadores — os numerais e os pronomes indefinidos da gramática tradicional.

Se, formal e funcionalmente, os vários tipos de numerais formam uma classe heterogênea, semanticamente formam uma unidade, uma vez que todos compartilham da noção formal de número, quantificação. Quantificação essa que pode ser definida ou indefinida.

Castilho (1993) concebe dois tipos de quantificadores, os indefinidos e os definidos. Os primeiros englobam os pronomes indefinidos da gramática tradicional e designam um número indeterminado de objetos (*muitos dias*), uma quantidade indeterminada (*bastante água*) ou um grau indeterminado (*demasiado calor*). Os outros correspondem aos numerais da gramática tradicional.

O fato de todas essas formas indicarem número ou quantificação não nos parece motivo suficiente para colocá-los numa classe à parte, como já salientou Monteiro (cf. supra p.6). A única consequência disso é que formam um campo semântico. Há vocábulos do mesmo campo semântico espalhados nas diversas classes formais, como há igualmente classes formais que comportam diversos campos semânticos. Nenhuma relação há, portanto, que justifique uma classe formal composta de vocábulos do mesmo campo semântico.

O quadro 1 propõe uma matriz dos traços dos numerais que resume o exposto:

Quadro 1: matriz de traços dos numerais

| Numeral | traços mórficos | | | | | traços sintáticos | | | | | |
|-----------------|-----------------|----------------|----------------------------|--------|---------------------------|-------------------|-------|-------------|-----|-----|--------------|
| | variação | | derivação | | | distribuição | | Papel no SN | | | exclamativas |
| gên. | Nº | -ção -zinho | -ssimo fílimo érrimo | -mente | liga-se diret. ao N | antes de N | subst | Adj | art | | |
| um | + | - | - | - | - | + | + | + | - | - | |
| dois | + | - | - | - | - | + | + | + | +/- | - | |
| três/cem | - | - | - | - | - | + | + | + | +/- | - | |
| duzentos | + | - | - | - | - | + | + | + | +/- | - | |
| milhão | - | + | - | - | - | + | + | - | - | - | |
| primeiro | + | + | - | - | + | + | +/- | + | + | - | |
| outros ordinais | + | + | - | - | + | + | +/- | + | + | - | |
| meio | + | + | - | - | - | + | + | + | - | - | |
| metade | - | + | - | - | - | - | + | + | +/- | - | |
| outros frac. | + | + | - | - | - | - | + | - | - | - | |
| múltipl. | + | + | - | - | - | + | +/- | - | + | - | |
| muitos) | + | + | - | - | - | + | + | + | - | - | |
| vários | + | + | - | - | - | + | + | + | + | - | |
| dezena | - | + | - | - | - | - | Núcl. | + | - | +/- | |
| dúzia/par | - | + | - | - | - | - | ** | + | - | +/- | |
| algum | + | + | - | - | - | + | + | + | - | - | |
| nada | - | - | - | - | - | - | + | + | - | - | |
| outro | + | + | - | - | - | + | + | + | - | - | |
| todo | + | + | - | - | - | + | + | + | - | - | |

4. CONCLUSÃO

O problema do numeral está longe de ser resolvido e seria muita pretensão tentar resolvê-lo em poucas páginas.

Necessário se faz muito mais pesquisa do que se pôde empreender aqui. Procuramos apenas dar uma noção geral do problema e delinear caminhos que deverão ser aprofundados num trabalho posterior.

Um fato que nos salta à vista mesmo no exame superficial que fizemos, é o caráter heterogêneo dos elementos reunidos sob o nome de numerais, o que nos faz suspeitar, com Hjelmslev (1976), que tais elementos devam ser espalhados nas categorias formais existentes e não compor uma classe única.

Por outro lado, embora o numeral pareça partilhar de traços com classes diversas, se adotarmos como critério, por exemplo, a posição em relação ao nome, não importará se todos numerais não coincidam nesse aspecto com os pronomes. Desde que a maioria coincida, os numerais, nesse caso, seriam uma classe pronominal, como diz o mestre dinamarquês:

O esquema está longe de esgotar as categorias funcionais existentes. Parece-nos, todavia, muito verossímil que todas as diferentes categorias funcionais que existem na realidade tenham sempre uma certa relação com as cinco categorias fundamentais (Hjelmslev, 1976:309)¹⁸

E mais adiante:

Ainda que existam, por exemplo, trinta categorias pronominais, ou até mais, as ditas categorias continuam, não obstante, sendo pronominais, isto é, que oscilam em torno da categoria fundamental do pronome. Talvez, ainda quando nenhuma delas recubra exatamente a categoria fundamental, a recobrem, todavia, aproximadamente. (*id.ib.*)¹⁹

Encontrar o devido lugar dos vocábulos que a gramática chama de numerais requer, em primeiro lugar, a adoção criteriosa de um princípio de classificação. Se isso parece simples, é ledoo engano, uma vez que, como vimos, traços semânticos se sobrepõem a traços sintáticos que, por sua vez, mesclam-se com traços formais.

De qualquer modo, a despeito das dificuldades, definir a posição do numeral na classificação dos vocábulos portugueses é tarefa que se impõe para uma devida descrição do sistema. Se tal não alcançamos, cremos que nosso esboço ao menos servirá como ponto de partida para outras reflexões.

5. BIBLIOGRAFIA

ABBAGNANO, Nicola. (1982) *Dicionário de filosofia* São Paulo: Mestre Jou.

¹⁸ El esquema está lejos de agotar las categorías funcionales existentes. Nos parece, sin embargo, muy verossímil que todas las diferentes categorías funcionales que existen en realidad tengan siempre una cierta relación com las cinco categorías fundamentales

¹⁹ Aunque existan, por ejemplo, treinta categorías pronominales, o incluso más, dichas categorías siguen, no obstante, siendo *pronominales*, es decir, que oscilan en torno a la categoría fundamental del pronombre. Tal vez, aun cuando ninguna de ellas recubra exactamente la categoría fundamental, la recubren, sin embargo, aproximativamente.

- ALMEIDA, N. Mendes de. (1980) *Gramática metódica da língua portuguesa*. São Paulo: Saraiva.
- AZEREDO, J. Carlos de. (1990) *Iniciação à sintaxe do português*. Rio de Janeiro: Zahar.
- BECHARA, Evanildo. (1979) *Moderna gramática portuguesa*. São Paulo: Nacional.
- BIDERMAN, M. T. Caamargo. (1978) *Teoria lingüística*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos.
- BRØNDAL, Viggo. (1948) *Les parties du discours*. Copenhague: Einar Munksgaard.
- CÂMARA JR., J. Mattoso. (1977) *Dicionário de lingüística e gramática: referente à língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes.
- _____ (1984) *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes.
- CASTILHO, Célia M. M. (1993) *Quantificadores indefinidos: observações para uma abordagem sintática in: Gramática do português falado*. vol.III. Campinas: Editora da UNICAMP, S. Paulo: FAPESP.
- CEGALLA, D. Paschoal. (1980) *Novíssima gramática da língua portuguesa*. São paulo: Nacional.
- CUNHA, Celso & LINDLEY, Cintra. (1985) *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- DONATUS, *De Partibus Orationis Ars Minor* [online]. Jim Marchand, 1997. Disponível na Internet via WWW URL: <http://ccat.sas.upenn.edu/jod/texts/donatus.4.html>
- FIGUEIREDO, J. M. Nunes e FERREIRA, A. Gomes. (1974) *Compêndio de gramática portuguesa*. Lisboa: Porto Editora.
- HJELMSLEV, Louis. (1976) *Principios de gramática general*. Madrid: Editorial Gredos.
- JESPERSEN, Otto. (1975) *The philosophy of grammar*. London: George Allen & Unwin Ltd.
- LEMLE, Miriam. (1984) *Análise sintática (teoria geral e descrição do português)* São Paulo: Ática.
- MACAMBIRA, J. Rebouças. (1982) *A estrutura morfo-sintática do português*. 4 ed. São Paulo: Pioneira.
- MATEUS, M. Helena Mira et alii. (1983) *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra: Almedina.
- MONTEIRO, J. Lemos. (1986) *Morfologia portuguesa*. Fortaleza: EUFC.
- NEVES, M. Helena Moura. (1987) *A vertente grega da gramática tradicional*. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- RIBEIRO, João. (1908) *Grammatica portugueza*. São Paulo: Francisco Alves.
- RIBEIRO, Júlio. (1899) *Grammatica portugueza*. São Paulo: Miguel Melillo Editor
- ROCHA LIMA, C. Henrique da. (1992) *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- SAID ALI, M. (s/d) *Gramática histórica da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos.
- _____ (1965) *Gramática secundária da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos.
- SILVA JR., Pacheco. (1894) *Grammatica da lingua portugueza*. Rio de Janeiro: Livraria Classica de Alves.
- TESNIÈRE, Lucien. (1988) *Éléments de syntaxe structurale*. Paris: Éditions Klincksieck.